

A CULTURA MATERIAL DO ANTIGO EGITO NA CIDADE COSTEIRA DE TEL DOR¹

Victoria Arroyo²

Vagner Carvalheiro Porto³

Resumo: *A cidade antiga de Tel Dor apresenta diversas evidências de fortes conexões comerciais com o Antigo Egito, bem como a influência dessa cultura na vida das pessoas de Dor. Esse fato é demonstrado pela presença de alguns tipos de cultura material de origem egípcia, como vasos cerâmicos, amuletos, escaravelhos e sinetes. Esses objetos foram encontrados desde a década de 1980, quando as escavações em Dor recomeçaram – essas que continuam até os dias atuais. Esses tipos de materiais evidenciam que não apenas trocas de produtos em vasos cerâmicos aconteciam entre Tel Dor e o Antigo Egito, mas uma certa influência cultural e/ou religiosa atestada pelas diversas formas de amuletos que representam divindades e símbolos característicos do Antigo Egito.*

Palavras-chave: *Tel Dor; Egito Antigo; Cultura material; Cerâmicas; Amuletos; Escaravelhos e sinetes.*

¹ Recebido em 14 de junho de 2024 e aprovado em 20 de agosto de 2024.

² Doutoranda no Institut für Ägyptologie und Koptologie, da Universidade de Münster, Alemanha, com bolsa do German Academic Exchange Service (DAAD). Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP), com a pesquisa intitulada *Mudanças e permanências no mobiliário funerário em cemitérios de não-elite do Reino Novo e do Terceiro Período Intermediário: um estudo sobre o papel dos amuletos*, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

³ Professor de Arqueologia Mediterrânea do Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP). Coordenador do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP-MAE-USP: www.larp.mae.usp.br). Líder dos Grupos de Pesquisa CNPq “ARISE – Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas” (www.arise.mae.usp.br), e *Numismática Antiga*. Desenvolve, atualmente, pesquisas arqueológicas no sítio arqueológico de Tel Dor, em Israel.

THE MATERIAL CULTURE OF ANCIENT EGYPT IN THE COASTAL CITY OF TEL DOR

Abstract: *The ancient city of Tel Dor shows several evidences of strong commercial connections with Ancient Egypt, as well as the influence of this culture on the lives of the people of Dor. This is demonstrated by the presence of some types of material culture of Egyptian origin, such as ceramic vessels, amulets, scarabs and bells. These objects have been found since the 1980s, when excavations at Dor began again - excavations that continue to this day. These types of materials show that there was not only an exchange of products in ceramic vessels between Tel Dor and Ancient Egypt, but also a certain cultural and/or religious influence attested to by the various forms of amulets representing deities and symbols characteristic of Ancient Egypt.*

Keywords: *Tel Dor; Ancient Egypt; Material culture; Ceramics; Amulets; Scarabs and seals.*

Introdução

Tel Dor é um sítio arqueológico localizado em um cume de arenito e calcário (denominado localmente como *kurkar*) na faixa costeira do Monte Carmelo, em Israel, entre as cidades de Tel Aviv e Haifa (Gilboa, 2015, p. 247) (Figura 1). O sítio, um grande monte, é cercado por uma lagoa ao sul e uma baía ao norte, elementos geográficos que fornecem meios para atividades marítimas (Sisma-Ventura *et al.*, 2015, p. 47).

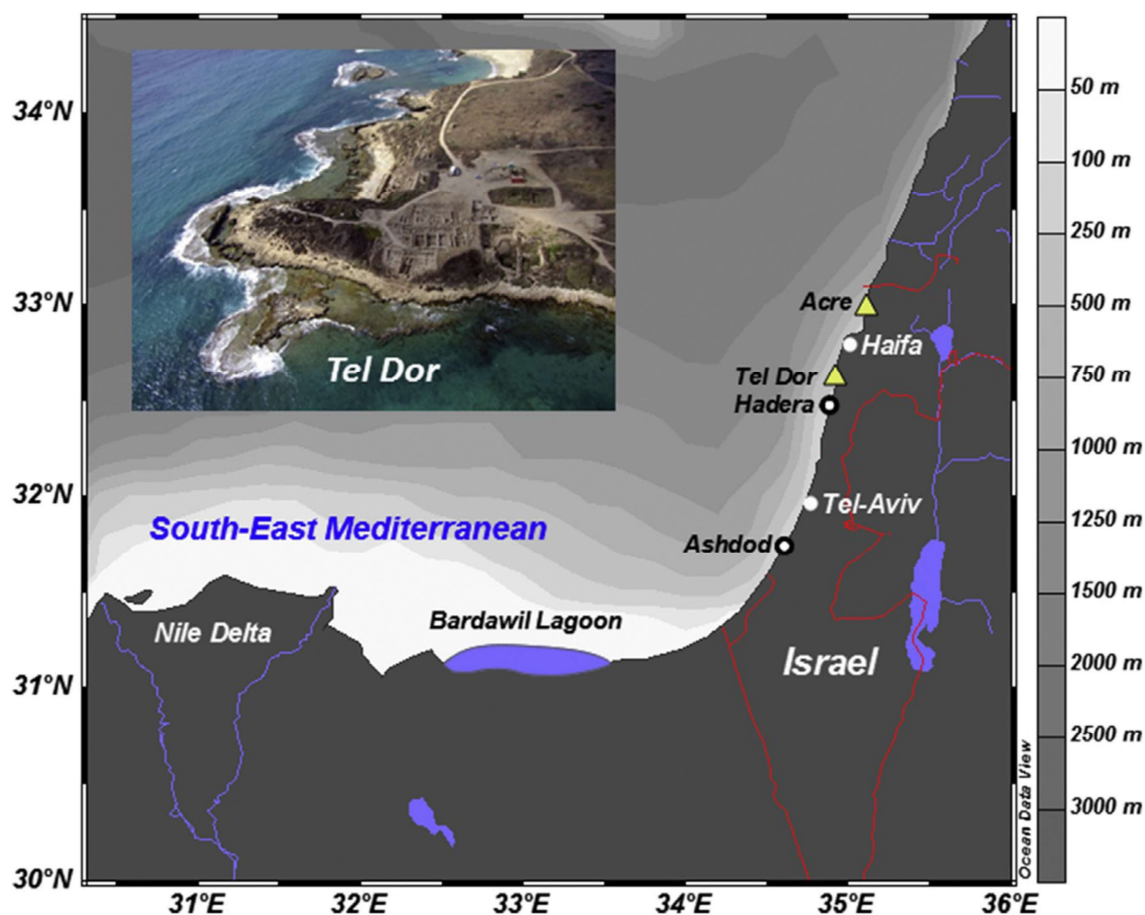
Devido à escassez de áreas para agricultura – o cultivo era realizado apenas nos pequenos vales entre as montanhas do Carmelo –, outras proteínas eram adquiridas por meio da pesca. Remanescentes de espécies de peixes do Mediterrâneo e do Antigo Egito são encontrados por toda a história do sítio. Dor também possuía uma instalação de produção de tintura roxa púrpura pelo menos desde o começo da Idade do Ferro, atestada por vasos cerâmicos com manchas de cor púrpura e o cultivo de conchas *Muricidae*. Além disso, outra atividade econômica atestada pelo registro arqueológico era a produção local de pequenos frascos feitos de barro que continham vestígios de canela do Sul da Ásia imersos em líquidos não identificados. Os frascos foram encontrados em sítios no Levante, em Chipre e, possivelmente, em outras localidades (Gilboa, 2015, p. 247-248).

Devido à sua localização, a cidade de Dor era principalmente um entreposto de mercadorias comercializadas na costa leste do Mediterrâneo e porta de entrada entre o leste e o oeste, entre a Idade do Bronze até o Período Romano

(Sisma-Ventura *et al.*, 2015, p. 47). Além disso, antes da construção de portos artificiais no Mediterrâneo, Dor era uma das poucas cidades ao longo da costa leste com locais seguros para ancoragem, a baía ao norte e a lagoa ao sul, favorecendo o tráfego marítimo. Logo, esses fatores foram decisivos para a história da cidade (Raban-Gerstel *et al.*, 2008, p. 25; Gilboa, 2015, p. 248).

Fontes antigas como o Conto de Wenamun (século XI ou X AEC) e o acordo de Esarhaddon com o rei Ba'al de Tiro datado do século VII AEC mencionam Dor como o único ou um dos dois únicos portos entre o Antigo Egito e a Filisteia ao norte, e Líbano ao sul, respectivamente, atestando sua posição como um entreposto (Gilboa, 2015, p. 249-250). Logo, a cidade de Dor é conhecida desde a Antiguidade, aparecendo em diversas fontes, sendo identificada como *D-jr* no Antigo Egito e como Dor ou Dora em fontes gregas e romanas. Dessa maneira, a documentação em relação ao sítio começa na Idade do Bronze Médio (c. 2000 AEC) e termina no período das Cruzadas (Sisma-Ventura *et al.*, 2015, p. 47).

Figura 1 – Localização geográfica e foto aérea do sítio de Tel Dor na costa de Israel



Fonte: Sisma-Ventura *et al.* (2015, p. 47).

As primeiras escavações em Tel Dor foram realizadas em 1923-1924 pela Sociedade Palestina de Exploração (Palestine Exploration Society), liderada por John Garstang. As escavações mais sistemáticas e extensivas começaram em 1980, lideradas por Ephraim Stern, da Universidade Hebraica de Jerusalém. Essas escavações duraram até 2000 e revelaram significativas informações sobre a cidade fenícia e seus períodos subsequentes. Após um breve intervalo, as escavações foram retomadas em 2002 sob a direção de Ilan Sharon, da Universidade Hebraica de Jerusalém, e Ayelet Gilboa, da Universidade de Haifa. Esta fase das escavações se concentrou em áreas não exploradas anteriormente e usou tecnologias modernas de arqueologia⁴. Atualmente, uma equipe brasileira composta por pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), desenvolve um programa de pesquisa em Tel Dor.

Diversas áreas foram escavadas nas duas expedições gerando um grande conjunto de dados em relação à Idade do Ferro (Figura 2). A ligação de Dor com o Antigo Egito, como indicado no Conto de Wenamun, foi comprovada por escavações na Área G, com a descoberta de uma grande quantidade de cultura material originária do Antigo Egito. Os trabalhos de campo na Área G, aproximadamente no centro do sítio de Dor, foram executados desde 1986. Os períodos escavados especificamente para a Área G foram: romano, helenístico e persa, entre 1986 e 1989; Idade do Ferro IIA até Idade do Ferro Tardio I, entre 1991 e 1994; Idade do Ferro Inicial I até Idade do Ferro Tardio II entre 1997 e 2000 (Gilboa; Sharon; Zorn; Matskevich, 2018a, p. 3-5). Foram publicados diversos relatórios finais a respeito das escavações em diversas áreas de Tel Dor, com destaque para um em 1995 e outro em 2018, com contribuições de todos os arqueólogos e pesquisadores que participaram e analisaram a cultura material do sítio. Os materiais importados do Antigo Egito são catalogados e discutidos nesses relatórios e contribuíram para pesquisas e debates publicados em diversos artigos.

A presença de cultura material do Antigo Egito em Dor demonstra a importância dessa cidade, por estar em uma posição privilegiada de conexões comerciais e redes de trocas, e fornece elementos para entendermos o contato e as movimentações de aspectos culturais que são absorvidos por outras sociedades, como veremos adiante.

Por ser um sítio que ainda está sendo escavado, com apenas alguns relatórios finais de escavação que compreendem apenas algumas áreas, ou seja, sem

⁴ Para mais informações, visite o site da escavação: <http://dor.huji.ac.il/>.

um catálogo definitivo de toda a cultura material que foi encontrada, neste artigo nos concentraremos em três tipos de objetos de origem egípcia encontrados na cidade de Tel Dor: cerâmicas, amuletos de faiança egípcia e escaravelhos. Os amuletos, escaravelhos e sinetes serão listados e brevemente analisados pelos autores. Para os amuletos, em particular, será providenciada uma pequena explicação a respeito do simbolismo e do significado de cada forma representada. As cerâmicas, por sua vez, mereceram uma investigação mais significativa por parte dos pesquisadores responsáveis no relatório de 2018.

Figura 2 – Mapa do sítio de Tel Dor mostrando as áreas de escavação



Fonte: Gilboa, Sharon, Zorn e Matskevich (2018a, p. 4).

Cerâmicas

A cerâmica egípcia está presente em todos os períodos do início da Idade do Ferro em Dor, evidenciando um fenômeno que perdurou por pelo menos dois séculos e meio, aproximadamente entre 1140/1100 e 850 AEC. As primeiras peças de cerâmica egípcia dessa época foram encontradas nos estratos inferiores da cidade. No entanto, os desenvolvimentos tipológicos da cerâmica do Terceiro Período Intermediário, no próprio Egito, ainda não foram mapeados com alta precisão. Além disso, faltam dados quantitativos, essenciais para uma comparação detalhada, tanto em Dor quanto no Egito. Dessa forma, devido também às incertezas na datação absoluta no Levante, correlacionar horizontes cerâmicos específicos de Dor com a cronologia egípcia é, por enquanto, uma meta inalcançável⁵.

Em um determinado momento, a cerâmica egípcia deixa de ser encontrada em Dor, apesar de a ocupação da Idade do Ferro continuar até meados do século VII AEC. As poucas exceções a essa observação são os jarros ilustrados que são tipologicamente mais recentes e foram descobertos em contextos posteriores e mistos (Waiman-Barak, 2015, p. 113).

Na Área G, na camada da Idade do Bronze Tardio II-III, foi encontrado um total de 50 fragmentos de cerâmicas importadas do Antigo Egito. Esse conjunto representa 9,3% de toda a cerâmica importada e 2,9% do conjunto total de cerâmica encontrada em Dor. Dessa maneira, a cerâmica egípcia representa o quinto maior grupo de importações no sítio.

Segundo os pesquisadores, os três principais grupos de texturas cerâmicas do Antigo Egito estão presentes nos fragmentos: argila do Nilo, argila de marga e misto de argila de marga e lodo (Stidsing; Salmon, 2018, p. 26). Em relação aos tipos de recipientes cerâmicos que os fragmentos representam, 39 (78%) vasos fechados, como ânforas e jarros, 6 (12%) vasilhas, 3 (6%) taças com alça, e 2 (4%) fragmentos que não puderam ser identificados (Stidsing; Salmon, 2018, p. 29).

Quando adicionadas, todas as cerâmicas egípcias importadas encontradas em outras áreas de Dor perfazem um total de 750 itens, entre fragmentos e poucos vasos completos ou semicompletos. Sua presença em Dor é atestada desde o reinado de Ramsés VI e o começo da 21ª Dinastia até a

⁵ Para mais detalhes, veja: Waiman-Barak, Gilboa e Goren (2014).

metade da 22^a Dinastia, com duração entre dois séculos e meio e três séculos (Gilboa, 2015, p. 251).

De acordo com os arqueólogos Paula Waiman-Barak, Ayelet Gilboa e Yuval Goren, a grande quantidade e variedade de formas fechadas equivale às encontradas em sítios do Terceiro Período Intermediário no Antigo Egito, mas a predominância das formas fechadas em Dor é o oposto do que acontece em sítios de habitação no Antigo Egito. Isso indica que a cerâmica egípcia chegou em Dor como recipiente de mercadorias e sua presença indica uma rede comercial (Waiman-Barak; Gilboa; Goren, 2014, p. 329).

Ainda em relação às formas, a descoberta de cerâmicas provenientes do Antigo Egito no sítio de Dor, principalmente de taças com alças, demonstra similaridades de Dor com outras cidades do Sul do Levante, onde a forte presença do Antigo Egito no XIII século AEC é evidenciado pelas mesmas cerâmicas. As taças com alça importadas presumidamente continham algum tipo de líquido precioso, e poderiam refletir o status de prestígio de quem tinha acesso a elas. Além das taças com alça, vasilhas importadas do Antigo Egito são raras em outros lugares do mundo antigo. Dor, com pelo menos três fragmentos de três tipos diferentes de vasilhas, detém uma posição especial entre os sítios da costa do Sul do Levante, principalmente em comparação aos locais com forte influência do Antigo Egito, onde nenhuma vasilha importada foi encontrada.

Fora isso, Tel Dor não apresenta nenhuma cerâmica feita localmente, mas com estilo egípcio, assim como a “jarra de cerveja”, um recipiente comum em localidades com controle do Antigo Egito no Sul do Levante. Segundo os autores, essa ausência de marcadores étnicos egípcios indica que Dor não tinha uma forte presença do Antigo Egito, ao contrário de outros sítios, e, assim, não foi uma cidade de guarnição. Logo, Dor era uma cidade destinatária de importações egípcias, podendo ser comparada com outras cidades costeiras do norte da região, como Tel Nami, Tel Abu Hawam e Akko. Também, a presença de jarros comerciais egípcios importados e grandes contêineres ao longo da costa em Tel Qasile, Tel Dor, Atlit e Akhziv atesta a continuidade do comércio marítimo entre o Egito e seus vizinhos levantinos (Evian, 2017, p. 31-32) (Figura 3).

Figura 3 – Esses potes de armazenamento egípcios de Tel Dor atestam a continuidade do comércio marítimo entre o Egito e seus vizinhos levantinos na Idade do Ferro



Fonte: Evian (2017, p. 32).

Porém, a presença em Tel Dor de alguns tipos de cerâmicas pouco frequentes em cidades com pouca influência do Antigo Egito, como vasilhas e taças com alça, pode indicar que Dor ocupa uma posição única como uma importante cidade na rede comercial entre o Antigo Egito e a Cananeia ao longo da costa do norte de Israel na Idade do Bronze. Além disso, a variedade de texturas de cerâmica egípcia em Dor aponta para uma rede de troca bastante complexa entre o Antigo Egito e Dor no século XIII AEC, com Tel Dor ocupando uma posição-chave em relação a outras cidades costeiras na região (Stidsing; Salmon, 2018, p. 29-30).

Amuletos

Nos relatórios de escavação publicados em 1995, Stern afirma que cerca de uma dúzia de amuletos de faiança egípcia de cores azul ou verde foi encontrada nas Áreas A e C. Segundo o autor, esses amuletos são de formas comuns que aparecem em grandes quantidades em templos, tumbas e construções residenciais em quase todos os sítios ao longo da costa fenícia

e na Galileia, e foram utilizados na Palestina tanto nos períodos persa e helenístico quanto em anteriores. Os amuletos de faiança egípcia poderiam ser importados diretamente do Antigo Egito, mas alguns parecem ser de origem fenícia ou locais (Nitschke; Martin; Shalev, 2011, p. 134) e exibiam características locais, como o deus Bes, no qual é possível distinguir sua versão egípcia e fenícia (Stern, 1995, p. 447-8).

Os amuletos feitos de faiança egípcia encontrados nas Áreas A e C do sítio de Tel Dor são os seguintes:

- 1) Bes: um amuleto o retrata nu, em pé e usando uma coroa de penas. Outros dois amuletos foram encontrados quebrados com apenas parte da cabeça e da coroa (Stern, 1995, p. 448). Na Área C, nas escavações de 1981, amuletos em estilo egípcio-fenício feitos de faiança egípcia e osso incluem um com a forma do deus Bes feito de osso (Stern, 1982, p. 113) (Figura 4). Bes é um deus protetor representado como um anão associado com o parto e crianças. Normalmente, é retratado estrangulando cobras, agitando facas ou tocando instrumentos musicais (Pinch, 2002, p. 118).

Figura 4 – Área C, amuleto de osso do deus Bes, Período Helenístico



Fonte: Stern (1982, prancha 15).

- 2) Taweret: segunda forma de amuleto mais comum nas Áreas A e C (Stern, 1995, p. 451). Taweret é uma deusa protetora retratada com a cabeça e corpo de hipopótamo, seios de uma figura ligada à fecundidade, patas de leão e cauda de crocodilo (Pinch, 2002, p. 209). Sua forma foi bastante popular como um amuleto durante 2 mil anos e foi incorporada em outras culturas como uma divindade protetiva (Pinch, 2002, p. 142).
- 3) Osíris: apenas a parte de baixo do amuleto foi encontrada, mas, por meio da análise de exemplares intactos, foi possível determinar que a forma é a do deus Osíris (Stern, 1995, p. 451). O deus Osíris era representado como um rei mumificado com uma coroa *atef* e segurando um cetro curvado e um mangual. A cor de sua pele poderia ser preta ou verde, representando a conexão de Osíris com o ciclo da vida. Sendo assim, sua forma era ligada com o pós-vida (Pinch, 2002, p. 178).
- 4) *Udjat* (Olho de Hórus) (Figura 5): abundantes em sítios do período persa. A forma também é encontrada na Área B1, com diversos exemplares em um colar que continha 16 amuletos no total (Stern, 1987, p. 208; Stern, 1995, p. 451). O colar foi encontrado em um templo e data do período persa (Stern, 1995, p. 448). Essa forma mistura um olho humano e sobrelancelha com algumas das marcas faciais de um falcão. O Olho de Hórus representava qualquer aspecto da ordem divina, como a monarquia e oferendas aos deuses e aos mortos. Por isso, se tornou um dos amuletos mais populares no Antigo Egito (Pinch, 2002, p. 132).
- 5) Neith: amuleto feito de bronze e maior do que os outros. Único amuleto de bronze. O bronze era um material bastante comum para amuletos na Palestina. Não encontrado *in situ*. Provavelmente parte de um colar, e retrata a deusa Bestet ou, mais possivelmente, segundo o autor, a deusa Neith. Essa deusa era comumente representada como uma mulher usando a Coroa Vermelha do norte do Antigo Egito, e seu nome poderia significar “a aterrorizante” (Pinch, 2002, p. 169-170).

Figura 5 – Amuleto em forma de *udjat* no Museu de Mizgaga, Israel, escavado em Tel Dor

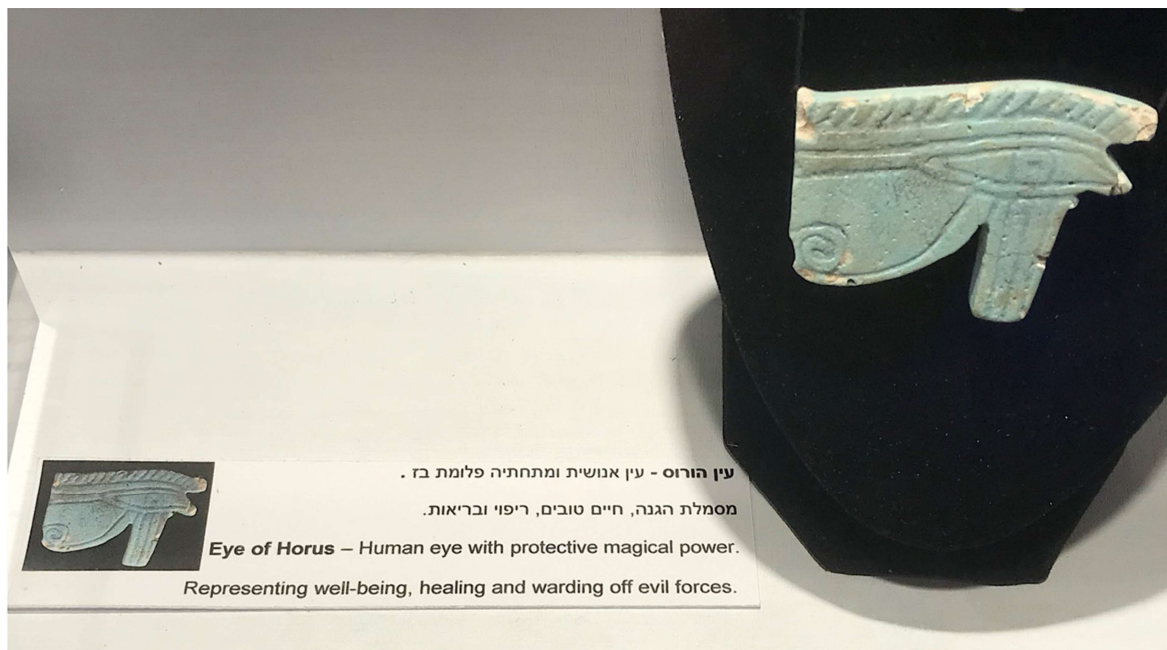


Foto: Vagner Carneiro Porto (2023).

- 6) Ísis: esposa do deus Osíris e mãe do deus Hórus. Representada como uma mulher usando o símbolo hieróglifo do trono em sua cabeça, algo que auxilia a escrever seu nome. Era considerada mãe de cada faraó e sua “ternura materna” incluía toda a humanidade e, assim, era amplamente cultuada (Pinch, 2002, p. 149-150).
- 7) Hórus: O falcão celestial e personificação da monarquia, associado com a figura do faraó (Pinch, 2002, p. 143). O símbolo divino *udjat*, ou Olho de Hórus, está ligado com sua forma.
- 8) Shu: na mitologia, deus primordial do ar seco e da luz solar, que davam a vida (Pinch, 2002, p. 195-196).
- 9) Khnum: representado como um homem com a cabeça de um carneiro com longos chifres. Controlava a inundação do Rio Nilo e incorporava o poder vivificante e perigoso dessa inundação anual. Como divindade criadora, Khnum moldava pessoas e animais em sua roda de oleiro e soprava vida e saúde em seus corpos (Pinch, 2002, p. 153).
- 10) Sekhmet: deusa ligada ao sol, que era o instrumento da punição divina. Representada com o corpo de uma mulher e uma cabeça de leoa, muitas vezes usando um disco solar. Popular em amuletos do Terceiro Período Intermediário (Pinch, 2002, p. 187).

- 11) Anúbis: deus que presidia a mumificação de corpos e guardava sepultamentos. Retratado como um chacal preto sentado ou como um homem com a cabeça de um chacal ou cachorro selvagem (Pinch, 2002, p. 104).

Figura 6 – Amuletos em forma de deuses egípcios no Museu de Mizgaga, Israel, encontrados em Tel Dor



Foto: Vagner Carvalheiro Porto (2023).

- 12) Touro Ápis: o mais importante de todos os animais sagrados. Em vida, o touro Ápis era cultuado como a manifestação física do deus Ptah e, na morte, era cultuado como uma forma de Osíris. Um festival chamado Corrida do Touro Ápis é registrado desde a Primeira Dinastia (Pinch, 2002, p. 105).
- 13) Leão: nas escavações de 1989, na Área B1, foi encontrado um amuleto com a forma de um leão inscrito com o cartucho de Tutmés III (Stern, 1991, p. 55). O leão era ligado a alguns deuses egípcios, como Bes e Taweret, assim como os animais míticos, como a esfinge e o grifo. Leões, leoas, panteras e gatos aparecem em objetos mágicos para combater os inimigos tradicionais da ordem divina (Pinch, 2002, p. 133-134).

Escaravelhos e sinetes

Segundo os relatórios de escavação em Tel Dor (Keel; Münger, 2018), um total de 23 escaravelhos e sinetes foram encontrados na Área G, a maioria sendo da Idade do Ferro I e II, com poucos do período persa e da Idade do Bronze Médio e Tardio (Keel, Münger, 2018, p. 233). Desses 23 escaravelhos, 18 são relacionados com o Antigo Egito devido às inscrições em hieróglifos ou iconografias contidas em cada um. As descrições de cada escaravelho serão dadas a seguir. Os números correspondem às designações dadas a cada exemplar pelos arqueólogos responsáveis (Keel; Münger, 2018, p. 233-246).

- 1) N. 2 – Escaravelho – Esfinge voltada para a esquerda com asas dobradas para a frente. Iconografia típica do período persa. Com a Coroa Dupla do Antigo Egito. Datação: Período Persa (ca. 500-330 AEC).
- 2) N. 3 – Escaravelho – Espirais redondas em forma de Z que se entrelaçam nas extremidades, e dois sinais hieróglifos *nefer* com duas barras, espelhados. Datação: ca. 1650-1500 AEC.
- 3) N. 4 – Escaravelho – Três painéis verticais com três ou mais sinais nas margens. A coluna central e, pelo menos, parte das margens, foram decoradas com colunas de símbolos *ankh*. O mesmo elemento pode ser encontrado nos escaravelhos do período Raméssida. A forma do escaravelho sugere que a peça é mais tardia. Também indicado pelo símbolo *kheper*, representado por um escaravelho de quatro patas, nas colunas externas (talvez parte do nome Mn-ḥpr-re, o nome de trono de Tutmosés III), algo que é típico do estilo dos amuletos de produção em massa. Datação: os dois autores discordam a respeito do período dos escaravelhos produzidos em massa. Keel opta pelo começo da 21^a Dinastia até o começo da 22^a Dinastia, enquanto Münger indica o final da 21^a Dinastia até a primeira metade da 22^a Dinastia.
- 4) N. 5 – Escaravelho – O nome do deus Amun-Rá é apresentado na horizontal, enquanto o símbolo *nb* (que significa “senhor”) aparece na vertical, podendo ser interpretado como “Amun-Rá (é meu) Senhor”. Abaixo do sinal *mn* está o complemento *n*, que, junto com o determinado representado como um traço, formam um ângulo in-

comum. Um sinal que pode ser lido como um *j* na esquerda faria com que o nome pudesse ser lido em ambas as direções. Datação: começo ou fim da 21ª Dinastia até a primeira metade da 22ª Dinastia.

- 5) N. 6 – Sinete retangular com topo abobadado – Nome do deus Amun-Ra vertical escrito da esquerda para a direita, com o complemento fonético *n*. O determinativo, representado por um traço à direita do disco solar oval, é escrito de maneira idêntica ao disco solar. Três linhas horizontais adicionais, duas em cima e uma embaixo, são difíceis de explicar, segundo os autores, e, possivelmente, não têm nenhum significado. Datação: começo ou fim da 21ª Dinastia até a primeira metade da 22ª Dinastia.
- 6) N. 7 – Sinete retangular – Lado A: Nome do deus Amun-Ra na horizontal escrito com o complemento fonético *n*. Lado B: sinais hieróglifos ininteligíveis, talvez dois juncos floridos ou duas penas de *maat* flanqueando uma lua crescente em um mastro ou, mais provavelmente, uma planta de papiro degradada. Segundo os autores, “nenhuma explicação é totalmente convincente, porque o crescente ou a flor não estão conectados ao mastro ou ao caule, respectivamente”. Datação: final da 20ª/21ª Dinastia (ca. 1150/1070-945 AEC).
- 7) N. 8 – Escaravelho – Símbolos da direita para a esquerda: *j*, *n* vertical, *za*; acima de um pato, *mn*, e mais para cima, Ra. Os autores interpretam essa combinação de duas maneiras: uma variação da fórmula “perfeito é o filho de Amun-Ra” ou uma variação da grafia do nome do faraó Siamun. Datação: 21ª/22ª Dinastias, ou contemporâneo ao reinado de Siamun (978-959 AEC).
- 8) N. 9 – Sinete retangular com topo abobadado – Padrão angular em cada canto do pedestal, formando uma cruz central que se assemelha a um degrau. Inscrição de *Mn-hpr-re*, o nome de trono de Tutmosés III, muito comum em exemplares produzidos em massa. Datação: começo ou fim da 21ª Dinastia até a primeira metade da 22ª Dinastia.
- 9) N. 10 – Escaravelho – Da direita para a esquerda há o símbolo hieróglifo *j* representado por um junco florido ou uma pena de *maat*; o símbolo *nefer*; e um *uraeus* degradado virado para a esquerda com sua cauda ligada ao sinal *nb* embaixo. Acima do símbolo *nefer* há um disco solar gravado profundamente. Ao longo da borda superior,

existem outros sinais similares a *nb* ou *stp*. Segundo os autores, nenhum similar exato é conhecido. Datação: provavelmente começo ou fim da 21ª Dinastia até a primeira metade da 22ª Dinastia.

- 10) N. 11 – Escaravelho – Devido a paralelos, os arqueólogos puderam reconstruir com segurança o motivo típico de produção em massa no pedestal parcialmente quebrado como uma cena de caça, com um arqueiro à direita, voltado para a esquerda em frente a dois leões sobrepostos que caminham para a direita. Datação: começo ou fim da 21ª Dinastia até a primeira metade da 22ª Dinastia.
- 11) N. 12 – Escaravelho – Arqueiro em pé à esquerda olhando para um quadrúpede à direita, provavelmente um canídeo com uma cauda curvada para cima e longas orelhas. Acima do animal há um ramo ou uma flor, um motivo típico de amuletos de produção em massa reproduzido em grandes quantidades quase sem variações. Datação: começo ou fim da 21ª Dinastia até a primeira metade da 22ª Dinastia.
- 12) N. 13 – Escaravelho – Figura humana em pose de “mestre dos animais” segurando dois crocodilos pelas suas caudas. Os mesmos motivos são encontrados em objetos produzidos em massa na Palestina. A divindade representada pode ser Shed, “salvador”, ou Hórus como Shed. Em estelas da 19ª Dinastia do Antigo Egito, como também do período tardio, o deus Hórus é representado em pé sobre dois crocodilos e segurando escorpiões, cobras e leões. Se a divindade no escaravelho for Hórus, ele está em uma postura asiática. Datação: começo ou fim da 21ª Dinastia até a primeira metade da 22ª Dinastia.
- 13) N. 14 – Escaravelho – Duas figuras na horizontal voltadas para dois animais à direita. A figura da esquerda tem asas amplamente abertas (não braços) em um leão, enquanto a figura da direita cavalga com os braços pendurados em um animal com chifres, provavelmente uma gazela. Segundo os autores, como ambas as figuras estão sobre animais, elas devem ser interpretadas como deuses; com a figura à direita representando Baal-Seth, indicado por suas asas, enquanto a figura à direita representa Reshef (*ršp*), devido à sua conexão com a gazela. Este motivo aparece exclusivamente em escaravelhos de produção em massa encontrados no Antigo Egito, como em Tanis, e na Palestina. Datação: começo ou fim da 21ª Dinastia até a primeira metade da 22ª Dinastia.

- 14) N. 16 – Escaravelho – No lado direito há o deus Thoth, representado como um babuíno agachado. Em cima de sua cabeça há uma lua degenerada (lua crescente e cheia), à direita está inscrito *Mn-hpr-re*, o nome de trono de Tutmosés III. Acima do cartucho, há um sinal quase legível, possivelmente uma enxada, o símbolo hieróglifo de *mrj*, “amado (de)”, sugerindo que a fórmula poderia significar “amado de Thoth”. Datação: 19^a/20^a Dinastias (ca. 1292-1075 AEC) ou um pouco mais tardio.
- 15) N. 17 – Escaravelho – Esfinge reclinada horizontalmente com asas e a Coroa Dupla do Antigo Egito. Em sua frente há o símbolo *ankh*. Datação: 25^a Dinastia– início da 26^a Dinastia (ca. 728/716-625 AEC).
- 16) N. 20 – Escaravelho – Duas barras horizontais com traços perpendiculares acima da Coroa Vermelha, o símbolo hieróglifo *n*, *udjat*, também conhecido como olho de Hórus, e o símbolo hieróglifo *nb*. Segundo os autores, esta imitação é típica de escaravelhos da Idade do Bronze Médio gravados linearmente no período Raméssida. Datação: 19^a/20^a Dinastias (1292-1070 AEC).
- 17) N. 21 – Escaravelho – Composição semelhante a uma cruz; no centro há uma forma oval com uma barra horizontal e perpendicular a ela, além de uma barra vertical que consiste em três caules com flores em cada extremidade; as flores têm uma cruz inscrita na barra central. O espaço entre as barras é ocupado por espirais de frente para a barra horizontal. Essa composição imita estilos da 18^a Dinastia que, por sua vez, copiam protótipos da Idade do Bronze Médio. Datação: 22^a Dinastia (945-713 AEC).
- 18) N. 22 – Escaravelho – Falcão na horizontal, em suas costas há um *uraeus*. O elemento de frente para o falcão foi perdido, mas poderia, segundo os autores, ser uma Maat agachada, um junco com flores, o símbolo *ankh*, ou outro elemento. Uma característica incomum é que o falcão parece segurar um flagelo. Datação: 19^a/20^a Dinastias (1292-1070 AEC).

Os escaravelhos foram datados pelos arqueólogos para os períodos que compreendem o final do Reino Novo, todo o Terceiro Período Intermediário e o final do Período Tardio (c. 1295-818 AEC e 715-525 AEC), assim como o período persa (c. 500-330 AEC), um grande espaço de tempo para a im-

portação desses objetos do Antigo Egito ou sua manufatura local imitando o estilo egípcio por meio de moldes.

Além disso, as inscrições nos escaravelhos de Tel Dor, particularmente as que se referem a faraós, contribuíram para discussões a respeito da cronologia da Palestina e de Israel na Idade do Ferro⁶.

Discussão

Dor era uma cidade envolvida extensivamente no comércio com o Egito, novamente mais do que qualquer outro local fora do Egito nesse período, fato evidenciado principalmente por recipientes egípcios presentes em seu território. A cerâmica, de fato, é o melhor índice arqueológico sobrevivente para trocas com o Egito (e outras regiões), mas elas (e seu conteúdo) compunham apenas uma fração das mercadorias trocadas (Sisma-Ventura *et al*, 2015, p. 47). A forte presença egípcia na cidade de Tel Dor é demonstrada através da quantidade e variedade de materiais encontrados provenientes de conexões comerciais. Os recipientes cerâmicos poderiam ter sido utilizados para importar diversos produtos ou para uso pessoal enquanto escaravelhos poderiam ter chegado a Dor como parte da identificação oficial de itens importados. No caso dos amuletos, seu caráter religioso poderia ser a fonte de sua utilização pelos habitantes de Dor.

Os amuletos encontrados em Tel Dor representam uma variada gama de divindades, assim como o símbolo divino, *udjat*, o Touro Ápis e um leão. Essas formas são recorrentes em amuletos no Antigo Egito e retratam aspectos reconhecidos da cultura egípcia. As iconografias encontradas nos escaravelhos e sinetes são variadas. Há símbolos hieróglifos como *ankh* (“vida”) e *nefer* (“bom, agradável, bonito”), a forma de *uraeus*, ligada com a realeza, referências a divindades como Thoth e Hórus, esta última que também aparece em amuletos, e inscrições – como Amun-Ra e *Menkheperre*, nome de trono de Tutmosés III. Em relação a esse último ponto, pelo fato de os escaravelhos serem datados de um período mais tardio do que o reinado de Tutmés III, essas inscrições provavelmente foram utilizadas para evocar aspectos de sua administração e sua figura.

6 Ver: Münger (2003), Gilboa, Sharon e Zorn (2004), e Münger (2005).

A importância dessas iconografias no território de Dor indica a presença cultural do Antigo Egito nessa localidade. As representações e as inscrições de deuses tipicamente egípcios, símbolos hieróglifos e nomes de faraós apontam para o reconhecimento dessas especificidades culturais pelos habitantes de Dor e, até, pode-se discutir sobre a intenção e desejo de obterem esses objetos importados. Dessa maneira, Dor e o Antigo Egito eram sociedades bastante próximas nas esferas comercial e cultural, em que a importação de objetos egípcios para Dor era feita por meio da via comercial, e esta contribuiria para a presença e a influência da cultura do Antigo Egito na cidade

Além disso, também há evidências da presença egípcia do período ptolemaico, com a descoberta de uma moeda de Ptolomeu II (284-246 AEC) em um grande complexo monumental datado da época Helenística do sítio (Nitschke; Martin; Shalev, 2011, p. 144). Assim, com a continuidade das escavações em Tel Dor, que desde a campanha de 2003 se interessa por questões de interações, negociações e contatos culturais (Nitschke; Martin; Shalev, 2011, p. 132), há a expectativa de serem encontrados novos artefatos de origem egípcia que podem enriquecer ainda mais as discussões a respeito da influência e presença do Antigo Egito nessa região do mundo antigo.

Agradecimentos

Agradecemos ao professor Ilan Sharon (*in memoriam*), que acolheu a equipe de pesquisadores brasileiros aos projetos de pesquisa no sítio arqueológico de Tel Dor com amizade e entusiasmo. Aos professores Ayelet Gilboa, da Universidade de Haifa, Sveta Matskevitch, da Universidade Hebraica de Jerusalém, Becky Martin, da Universidade de Boston, Tamar Hodos, da Universidade de Sydney, Tiago Attorre, Universidade de Flinders, Maria Cristina Kormikiari e Juliana Figueira da Hora, da Universidade de São Paulo (USP), e Claudio Walter Gomes Duarte, Universidade Metropolitana de Santos, parcerias sem as quais nossas pesquisas em Tel Dor não poderiam ter acontecido. Agradecemos também à professora Maria Isabel Fleming e todos os colegas do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (Larp), pelas sempre profícuas trocas de ideias. Aproveitamos para mencionar também o apoio institucional do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processos 307954/2020-0 e 311883/2023-0, e Fundação de Amparo à

Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), processo 2020/16698-0. A responsabilidade pelas ideias restringe-se aos autores.

Referências bibliográficas

EVIAN, Shirly Ben-Dor. Egypt and Israel. The Never-Ending Story. *Near Eastern Archaeology*, 80, 1, 2017, p. 30-39.

GILBOA, Ayelet; SHARON, Ilan; ZORN, Jeffrey. Dor and Iron Age Chronology: Scarabs, Ceramic Sequence and 14C. *Tel Aviv*, v. 31, n. 1, p. 32-54. 2004.

GILBOA, Ayelet. Dor and Egypt in the Early Iron Age: An Archaeological Perspective of (Part of) the Wenamun Report. *Egypt and the Levant XXV*, p. 247-274, 2015.

_____; SHARON, Ilan; ZORN, Jeffrey; MATSKEVICH, Sveta. Excavations at Dor, Final Report: Volume IIA Area G, The Late Bronze and Iron Ages: Synthesis, Architecture and Stratigraphy. *Qedem Reports*, n. 10, III-274, 2018a.

_____. Excavations at Dor, Final Report: Volume IIB Area G, The Late Bronze and Iron Ages: Pottery, Artifacts, Ecofacts and Other Studies. *Qedem Reports, II*, III-340, 2018b.

_____. Excavations at Dor, Final Report: Volume IIC Area G, The Late Bronze and Iron Ages: Pottery Plates and Index of Loci. *Qedem Reports, 12*, III-284, 2018c.

KEEL, Othmar. *Corpus der Stempelsiegel-Amulette aus Palästina, Israel. Von den Anfängen bis zur Perserzeit. Katalog Band II. Von Bahan bis Tel Eton.* (OBOSA 29). Universitätsverlag and Vandenhoeck & Ruprecht. Fribourg and Göttingen, 2010.

_____; MÜNGER, Stefan. The Glyphics of Area G. In: GILBOA, Ayelet; SHARON, Ilan; ZORN, Jeffrey; MATSKEVICH, Sveta (orgs.). *Excavations at Dor, Final Report: Volume IIB Area G, The Late Bronze and Iron Ages: Pottery, Artifacts, Ecofacts and Other Studies.* *Qedem Reports*, n 11, III-340, 2018, p. 233-246.

_____. Egyptian Stamp-Seal Amulets and Their Implications for the Chronology of the Early Iron Age. *Tel Aviv*, n. 30, p. 66-82, 2003.

_____. Stamp-Seal Amulets and Early Iron Age Chronology – An Update, In: T. E. LEVY; THOMAS. HIGHAM, Thomas (eds.), *The Bible and Radiocarbon Dating – Archaeology, Text and Science.* London/Oakville, p. 381-404, 2005.

- NITSCHKE, Jessica L.; MARTIN, S. Rebecca; SHALEV, Yiftah. Between Carmel and the sea: Tel Dor: The late periods. *Near Eastern Archaeology*, v. 74, n. 3, p. 132-154, 2011.
- PINCH, Geraldine. *Handbook of Egyptian Mythology*. Santa Barbara: ABC-CLIO, Inc, 2002.
- RABAN-GERSTEL, Noa *et al.* “Early iron age dor (Israel): a faunal perspective”. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, v. 349, n. 1, p. 25-59, 2008.
- SISMA-VENTURA, Guy *et al.* Oxygen isotope composition of Sparidae (sea bream) tooth enamel from well-dated archaeological sites as an environmental proxy in the East Mediterranean: A case study from Tel Dor, Israel. *Journal of Archaeological Science*, v. 64, p. 46-53, 2015.
- STERN, Ephraim. Excavations at Tel Dor, 1981: Preliminary Report. *Israel exploration journal*, p. 107-117, 1982.
- _____; SHARON, Ilan. Tel Dor, 1986: Preliminary Report. *Israel Exploration Journal*, p. 201-211, 1987.
- _____; BERG, John; SHARON, Ilan. Tel Dor, 1988-1989: Preliminary Report. *Israel Exploration Journal*, p. 46-61, 1991.
- _____. Excavations at Dor, Final Report: Volume IA – Areas A and C: Introduction and Stratigraphy. *Qedem Reports*, n. 1, p. 1-369, 1995,
- _____. Excavations at Dor, Final Report: Volume I B – Areas A and C: The Finds. *Qedem Reports*, n. 2, 1995.
- STIDSING, Ragna; SALMON, Yossi. Excavations at Dor, Final Report: Volume IIc Area G, The Late Bronze and Iron Ages: Pottery Plates and Index of Loci. *Qedem Reports*, n. 12, III-284, p. 3-70, 2018,
- WAIMAN-BARAK, Paula; GILBOA, Ayelet; GOREN, Yuval. A Stratified Sequence of Early Iron Age Egyptian Ceramics at Tel Dor, Israel. *Agypten und Levante*, v. 24, p. 315-342, 2014.
- WAIMAN-BARAK, Paula. *Circulation of Early Iron Age Goods: Phoenician and Egyptian Ceramics in the Early Iron Age – An Optical Mineralogy Perspective*. Doctoral Thesis, University of Haifa, 2015.